

Simone Veil: sobrevivente do Holocausto e primeira mulher presidente do Parlamento Europeu (1927-2017)



Advogada, política e feminista, Simone Veil foi ministra da Saúde francesa de 1974 a 1979. Em 1979, torna-se membro do Parlamento Europeu e é eleita sua presidente, lugar que ocupa até 1982. Foi assim, simultaneamente, presidente do primeiro Parlamento diretamente eleito e a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente.

Simone Veil é especialmente conhecida em França pela sua luta pela legalização do aborto e pelos seus esforços para melhorar a vida das mulheres e as condições de detenção dos presos. É também conhecida em toda a Europa por homenagear e preservar a memória do povo judeu vítima do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial, bem como pelo seu empenhamento nos valores europeus e na unidade da Europa. É admirada pela sua coragem tanto política como pessoal, tendo sobrevivido ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau.

A sua infância e as experiências traumáticas que viveu durante a Segunda Guerra Mundial estão na origem do seu compromisso para com uma Europa unificada, uma causa que defendeu durante o resto da sua vida.

Primeiros anos

Simone Jacob nasce em 13 de julho de 1927 no seio de uma família judia, na cidade de Nice, em França. Em 1944, é presa juntamente com os outros membros da sua família e enviada para os campos de concentração nazis de Auschwitz-Birkenau, Bobrek e, por último, Bergen-Belsen. Simone e as suas duas irmãs sobrevivem, mas os pais e o irmão nunca regressarão dos campos de concentração. Simone regressa a Paris em maio de 1945 e começa a estudar direito e ciência política. Em 1946, casa-se com Antoine Veil.

Início da vida política

Simone Veil envereda pela carreira de magistrada e, nessa qualidade, é conselheira de sucessivos ministros da Justiça, nomeadamente François Mitterrand. Em 1970, torna-se a primeira mulher a ocupar o cargo de secretária-geral do *Conseil supérieur*

de la magistrature (Conselho Superior da Magistratura). Conta-se que, quando se torna Presidente da República francesa em abril de 1974, Valéry Giscard d'Estaing vai a casa de Antoine Veil para o convidar a fazer parte do novo governo, mas, durante a visita, muda de ideias e, em vez de Antoine, escolhe a mulher.

Simone Veil é ministra da Saúde no governo de Giscard d'Estaing. Pouco depois da sua nomeação, trava uma luta amarga para legalizar o aborto em França, que só consegue vencer quando a oposição na Assembleia Nacional se associa à sua causa para aprovar a lei em 1975. A adoção desta lei, que fica conhecida como *la loi Veil*, é considerada uma conquista importante.

Empenhamento numa Europa unificada

Depois da guerra, e como sobrevivente do Holocausto, Simone Veil tem alguma dificuldade em perceber como é que um país europeu pode declarar guerra a outro país europeu. À medida

que a sua carreira política em França progride, empenha-se cada vez mais na ideia de uma Europa em que tais atrocidades não possam voltar a acontecer. Assim, em 1979, quando o Presidente Giscard d'Estaing lhe pede para encabeçar a lista do seu partido nas primeiras eleições diretas para o Parlamento Europeu, não pensa duas vezes.

Simone Veil entra para o Parlamento Europeu e é escolhida pelos seus pares para ocupar o cargo de presidente, tornando-se assim a líder do primeiro Parlamento Europeu diretamente eleito e a primeira mulher à frente de uma instituição da UE. É igualmente presidente da comissão dos Assuntos Jurídicos e membro das comissões do Ambiente, dos Assuntos Políticos, dos Negócios Estrangeiros e da Segurança, bem como da sub-comissão dos Direitos Humanos. É ainda membro da comissão especial sobre a reunificação alemã, criada em 1990.

Durante o seu mandato de deputada europeia, Simone Veil é também presidente e vice-presidente do Grupo Liberal e Democrático, que, mais tarde, se passa a chamar Grupo Liberal Democrático e Reformista. Em 1981, é distinguida com o Prémio Carlos Magno pelo seu contributo para a unidade europeia.

Últimos anos

Depois de 14 anos no Parlamento Europeu, Simone Veil regressa à política francesa em 1993, desempenhando o cargo de ministra de Estado e ministra da Saúde e dos Assuntos Sociais até 1995. Em 1998, é nomeada para o Conselho Constitucional francês. Entre 2001 e 2007, é a primeira presidente da *Fondation pour la Mémoire de la Shoah* (Fundação para a memória da Shoah). Em 2005, faz campanha a favor do Tratado que estabelece uma Constituição para a Europa.

Quando, em 2008, é eleita para a *Académie Française*, juntando-se ao pequeno grupo de mulheres distinguidas com essa honra, escolhe três coisas para gravar na espada cerimonial que é forjada para cada um dos membros da academia: o número da sua tatuagem de Auschwitz, 78651, o lema da República Francesa, «Liberdade, Igualdade e Fraternidade», e o lema da União Europeia «Unidos na Diversidade».

Em 2011, a esplanada em frente do edifício principal do Parlamento Europeu em Bruxelas é batizada Ágora Simone Veil em sua honra. Em 2012, recebe a Grande Cruz da *Légion d'honneur*. Após a sua morte em 30 de junho de 2017, Antonio Tajani, presidente do Parlamento Europeu, presta-lhe homenagem referindo-se-lhe como «a grande presidente do Parlamento Europeu, consciência da UE, ativista contra o antissemitismo e defensora dos direitos das mulheres», acrescentando «a sua mensagem sobre as mulheres e o antissemitismo mantém toda a sua relevância». Em julho de 2018, os seus restos mortais são trasladados para o Panteão em Paris. É a quinta mulher a receber esta honra.



Simone Veil, presidente do Parlamento Europeu, em conversa com Altiero Spinelli, em 1981.